

As relações internacionais da África podem ser divididas em três grandes períodos: o pré-colonial (até o final do século XIX), o da dominação europeia (até os anos 1960), e o da formação do moderno (westfaliano) sistema interafricano de Estados, que se desenvolve até hoje. A resposta africana ao colonialismo europeu assumiu diferentes formas, tentando articular-se em nível regional e continental. O chamado Grupo de Brazzaville, de linha moderada e vinculada ao neocolonialismo, opunha-se ao Grupo de Casablanca, de caráter neutralista e esquerdista. A República do Gana, sob a liderança de Kwame N’Krumah, compunha a segunda coalizão, impulsionando os processos de independência e a articulação do pan-africanismo, que culminaram na criação da Organização da Unidade Africana (OUA) em 1963. Tais postulados, entretanto, entraram em crise no contexto dos conflitos da Guerra Fria, da ascensão do neoliberalismo e da marginalização do continente africano no final do século XX. Contudo, a primeira década do século XXI, no contexto de remilitarização internacional dos Estados Unidos pela Guerra ao Terror, trouxe o tema da integração regional de volta à agenda da política externa dos estados africanos, materializada na revitalização da OUA para União Africana (UA) e, na África Ocidental, na construção da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS, sigla em inglês). A crise financeira na América do Norte e na Europa e a ascensão de novos parceiros como China, Índia e Brasil também abriram novas perspectivas para o desenvolvimento desses países

O presente trabalho objetiva identificar os principais fatores que influenciam a tomada de decisão em política externa na República do Gana, visando verificar como o país responde às contradições entre seus interesses nacionais, o processo de integração regional no âmbito da ECOWAS, e as parcerias extrarregionais (relações com as grandes potências ocidentais e com as potências emergentes). Para isso, é utilizada uma análise em três níveis. Primeiramente, há os fatores estruturais, ou seja, as grandes tendências da política externa do país, que remontam ao seu processo histórico de formação do estado e às influências externas que moldaram seus focos de projeção internacional. Depois, passa-se à análise da configuração política, econômica e estratégica do país no âmbito regional e global: a correlação de forças resultante dá significado aos fatores estruturais e produz o terceiro nível de análise, o dos fatores contingentes, da conjuntura, da ação política, que é acompanhada por meio de clippings semanais.

Trabalha-se com a hipótese de que a segurança é a tônica da integração regional na África Ocidental. No campo econômico, ainda há a predominância das antigas relações com a Europa e com os Estados Unidos, pois as pautas de exportações dos países da África Ocidental ainda são muito semelhantes, o que não permite uma articulação comercial mais ampla. O governo de John Atta Mills, do Congresso Nacional Democrático (NDC), busca equilibrar as tendências mantendo as parcerias tradicionais da Europa e dos Estados Unidos, buscando os benefícios das relações com os emergentes (BRICS) e mantendo a construção da ECOWAS e da UA no campo político, diplomático e militar.